

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 2

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS  
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS  
(ORGANIZADORES)

Atena  
Editora

Ano 2020

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 2

ADAYLSON WAGNER SOUSA DE VASCONCELOS  
THAMIRES NAYARA SOUSA DE VASCONCELOS  
(ORGANIZADORES)

Atena  
Editora

Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecária**

Janaina Ramos

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas



## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliariari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadores:** Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

L755 Linguística, letras e artes e as novas perspectivas dos saberes científicos 2 / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-663-8

DOI 10.22533/at.ed.638200812

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de (Organizadora). III. Título.  
CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

## APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS – VOL. II**, coletânea de dezoito capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse segundo volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários e estudos em música.

Estudos literários, com onze contribuições, traz análises sobre Bruno de Menezes, Clarice Lispector e Mário de Andrade, lírica na sala de aula, imigração e identidade japonesa e semiótica greimasiana. Além desses conteúdos, temos Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Vergílio Ferreira, José Régio, Jorge de Sena, Ruy Duarte de Carvalho e Jorge Barbosa.

Em estudos em música, com sete capítulos, são verificados estudos que versam sobre Villa-Lobos, Cornélio Pires, Mozart, a partir do seu concerto para piano. Além desses relevantes conteúdos, temos considerações sobre a prática coral, a musicoterapia e o kpop.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
BRUNO DE MENEZES: VIVÊNCIAS E POÉTICAS	
Lorena Cácia de Jesus dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6382008121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
O EMPODERAMENTO DAS MULHERES NOS ROMANCES DE CLARICE LISPECTOR	
Luana Munhoz Soriano Kubis Specht	
Rodrigo Augusto Kovalski	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6382008122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
MÁRIO DE ANDRADE, INTÉRPRETE DO BRASIL: FICCIONALIZAÇÃO DO CANTADOR NORDESTINO	
Suéilton de Oliveira Silva Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6382008123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
ESTUDOS COMPARADOS: INCURSÕES DA POESIA LÍRICA EM SALA DE AULA	
Amanda Ramalho de Freitas Brito	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6382008124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>50</b>
HARU ET NATSU CARTAS PERDIDAS: IMIGRAÇÃO E IDENTIDADE JAPONESA NO BRASIL	
Teresa Rinaldi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6382008125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
OS SENTIDOS DO CONTO “DIANTE DA LEI” NA PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA GREIMASIANA	
Karin Elizabeth Rees de Azevedo	
Cícero Freud Lacerda Leite	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6382008126</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
CARTA DE SÁ-CARNEIRO A PESSOA: A INSCRIÇÃO DO EU NO DISCURSO	
Teresa de Lurdes Frutuoso Mendes	
Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6382008127</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>92</b>
LITERATURA E CINEMA: ENTRE O DESEJO DO INDIZÍVEL E A SEDUÇÃO DA	

**IMAGEM EM VERGÍLIO FERREIRA**

Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso

Teresa de Lurdes Frutuoso Mendes

**DOI 10.22533/at.ed.6382008128**

**CAPÍTULO 9..... 101**

**O MITO DE NARCISO REVISITADO POR JOSÉ RÉGIO E JORGE DE SENA**

Teresa de Lurdes Frutuoso Mendes

Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso

**DOI 10.22533/at.ed.6382008129**

**CAPÍTULO 10..... 111**

**REPRESENTAÇÃO ETNOGRÁFICA EM LAVRA DE RUY DUARTE DE CARVALHO**

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz

**DOI 10.22533/at.ed.63820081210**

**CAPÍTULO 11..... 122**

**O PAPEL DA SECA E DA PESCA DA BALEIA NA EMIGRAÇÃO CABO-VERDIANA PARA OS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA**

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz

**DOI 10.22533/at.ed.63820081211**

**CAPÍTULO 12..... 129**

**ATRAVESSANDO O SAMBA DO “ESTADO NOVO”: OUTROS CARNAVAIS**

Adalberto Paranhos

**DOI 10.22533/at.ed.63820081212**

**CAPÍTULO 13..... 143**

**O “SELO VERMELHO” DE CORNÉLIO PIRES: UMA PROPOSTA DE CATALOGAÇÃO**

Carlos da Veiga Feitoza

**DOI 10.22533/at.ed.63820081213**

**CAPÍTULO 14..... 160**

**ANÁLISE CRÍTICA DO CONCERTO PARA PIANO EM DÓ MENOR KV 491 DE W. A. MOZART**

Angélica María Sánchez Bonilla

**DOI 10.22533/at.ed.63820081214**

**CAPÍTULO 15..... 176**

**O BINÔMIO PENSAMENTO-INTELIGÊNCIA NAS NEUROCIÊNCIAS PASSANDO PELA TEORIA DA INTELIGÊNCIA MULTIFOCAL: UM PEQUENO CASO DE PRÁTICA CORAL**

Edson Hansen Sant'Ana

**DOI 10.22533/at.ed.63820081215**



<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>211</b>
<b>“A MÚSICA NUNCA PAROU”: PASSAGENS ENTRE ENSAIO, OBRA FÍLMICA E MUSICOTERAPIA</b>	
Ana Maria de Barros	
Ana Maria Martins Alves Vasconcelos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63820081216</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>225</b>
<b>O QUE CANTAM AS MULHERES EM TRATAMENTO DE INFERTILIDADE ACOMPANHADAS EM MUSICOTERAPIA?</b>	
Eliamar Aparcida de Barros Fleury	
Mário Silva Approbato	
Maria Alves Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63820081217</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>233</b>
<b>ENTENDENDO KPOP: PADRÕES MUSICAIS A PARTIR DO MODELO BENNETT</b>	
Helena Spiassi Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63820081218</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES .....</b>	<b>238</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>240</b>

## “A MÚSICA NUNCA PAROU”: PASSAGENS ENTRE ENSAIO, OBRA FÍLMICA E MUSICOTERAPIA

Data de aceite: 01/12/2020

**Ana Maria de Barros**

<http://lattes.cnpq.br/3555323088749521>

**Ana Maria Martins Alves Vasconcelos**

<http://lattes.cnpq.br/1445150904394043>

<https://orcid.org/0000-0003-2788-1023>

**RESUMO:** O cinema é uma mídia narrativa com linguagem própria, e a tradução de textos literários para essa linguagem tem gerado diversos estudos. São produções narrativas que geram imagens para o espectador. Há discussões importantes sobre a questão da tradução (adaptação), mas prepondera a ideia de que o cinema, ao contrário da literatura, exige mais na sua construção, pois recorre ao teatro, à música, à dança e a tantos outros elementos técnicos, tais como os enquadramentos, a cor, a luz, os movimentos e ângulos de câmera, entre outros. Arte, ciência e filosofia, enquanto formas de pensamento, são a base para esse estudo que pretende analisar as possíveis passagens entre a linguagem no ensaio “*The last hippie*” e a obra fílmica “A música nunca parou” (personagem), na perspectiva dos Estudos Comparados<sup>1</sup> e o referencial filosófico de Gilles Deleuze. A partir do movimento e do tempo da imagem, o cinema produz realidade, a qual promove uma desterritorialização, pois exige um deslocamento do olhar.

1 De maneira mais específica, na linha francesa, com os estudos de Tânia Franco Carvalhal (1991, 2006), quando defende inúmeras possibilidades e inter-relacionamentos das áreas de conhecimento nos estudos comparatistas. Derruba fronteiras e estabelece inúmeras possibilidades de composição de um novo objeto de análise, produzido e diferente dos inicialmente oferecidos. Disto se nutre a Literatura Comparada: inúmeras e diferentes obras vão se criando, a partir de objetos que se incorporam.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensaio; Estudos Comparados; Musicoterapia; Sacks.

**ABSTRACT:** Cinema is a narrative medium with its own language, due to this translation of literary texts to it has produced several studies. They are narrative productions whose results are images for the movie viewer. There are important discussions on translation (adaptation) area, but there is an idea that cinema, unlike literature, requires more in its construction, because it uses theater, music, dance and many other technical elements, such as frames, color, light, camera movements and angles, among others. Art, science and philosophy are thought possibilities as well as the support for this study that aims at analyzing possible parts of the film between the language in the essay “The last hippie” and the film work “Music has never stopped” (character), based on Comparative Studies and Gilles Deleuze’s philosophical framework. From the movement and the image time, cinema produces reality, which promotes a deterritorialization, as it requires a displacement in the look.

**KEYWORDS:** Essay; Comparative Studies; Music therapy; Sacks.

### INTRODUÇÃO

Gilles Deleuze definia a ciência, a arte e a filosofia como formas de pensamento e é nessa perspectiva que o presente estudo se

insere. Em suas palavras,

[...] a filosofia quer salvar o infinito, dando-lhe consistência: ela traça um plano de imanência, que leva até o infinito de acontecimentos ou conceitos consistentes, sob a ação de personagens conceituais. A ciência, ao contrário, renuncia ao infinito para ganhar a referência: ela traça um plano de coordenadas somente indefinidas, que define sempre estados de coisas, funções ou proposições referenciais, sob a ação de observadores parciais. A arte quer criar um infinito que carrega por sua vez monumentos ou sensações compostas, sob a ação de figuras estéticas (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 53).

Ora, se são formas de pensamento, é possível relacionar a arte do cinema, a música, a ciência da neurologia, da musicoterapia e a filosofia de Deleuze. Assim, este estudo, ainda em desenvolvimento, busca analisar como acontece a passagem da personagem ficcional “musicoterapeuta” na tradução do ensaio “*The last hippie*”, de Sacks<sup>2</sup>, para a obra fílmica *A música nunca parou*, dirigida por Jim Kohlberg, no que se refere às convergências da linguagem (ensaio), da obra fílmica (personagem, cultura) com base nos Estudos Comparados<sup>3</sup> e no referencial de Gilles Deleuze.

Inicialmente é preciso destacar que ler os ensaios do neurologista Oliver W. Sacks é adentrar nas histórias de vida de seus pacientes a partir de narrativas, relatos de caso científicos, transformados em obras literárias. Também destacar que no trabalho de formação de profissionais da musicoterapia<sup>4</sup>, em geral, há um importante interesse nos relatos clínicos analisados por Sacks. Isso se deve à necessidade de ampliar as discussões com estudantes dos cursos de graduação naquela área, pois a forma de escrita de Sacks se diferencia e atrai o leitor, assim como os filmes, em particular a tradução de uma de suas obras para o cinema. O contato com o segundo ensaio do livro “O último hippie” (no original, “*The last hippie*”) levou ao conhecimento do filme *The music never stopped*, lançado no Brasil com o título *A música nunca parou* (2011)<sup>5</sup>. Finalmente destaca-se que na construção

2 Oliver W. Sacks nasceu em Londres, em 1933, formou-se em Oxford, na Inglaterra, mas, desde 1965, trabalhava nos Estados Unidos. Faleceu em Nova York, em 2015. Sacks lecionou Neurologia e Psiquiatria na Universidade Columbia, em Nova York. Lançou 13 livros, e o mais famoso deles, “Tempo de despertar”, foi adaptado para o cinema em 1990, com o ator Robin Williams interpretando o papel do neurologista britânico.

3 De maneira mais específica na linha francesa, com os estudos de Tânia Franco Carvalhal (1991, 2006), quando defende inúmeras possibilidades e inter-relacionamentos das áreas de conhecimento nos estudos comparatistas. Derruba fronteiras e estabelece inúmeras possibilidades de composição de um novo objeto de análise produzido, diferente dos inicialmente oferecidos. Disto se nutre a Literatura Comparada: inúmeras e diferentes obras vão se criando, a partir de objetos que se incorporam.

4 Em especial no Curso de graduação em Musicoterapia da Universidade Estadual do Paraná, Campus Curitiba II.

5 O filme “A música nunca parou” é ambientado nos anos 1980. Acontecimentos que fazem ver o que levou o jovem Gabriel Sawyer a se afastar dos pais, bem como suas experiências com a música. A história foi baseada no ensaio de Oliver W. Sacks. Passados 20 anos, ele é acometido por um tumor cerebral, que provocou amnésia relativa. Porém, a memória musical permaneceu. Lembra-se de bandas e intérpretes preferidos, tais como *Grateful Dead*, *Rolling Stones*, *The Beatles*, Bob Dylan. Em tratamento, volta a ter contato com os pais. Dra. Dianne Daley é a personagem ficcional da musicoterapeuta que faz um trabalho específico de resgate da história musical de Greg.

das personagens da musicoterapeuta e do protagonista Greg há alguns aspectos de semelhança e diferença nas duas manifestações, tanto no ensaio, como na obra fílmica, mas também no papel da música como arte de construir sensações.

Vale pontuar, em um primeiro momento, que a Musicoterapia, enquanto área de estudos e práticas, também envolve saberes ligados à arte e à ciência.

Percebe-se que há pontos de passagem entre o ensaio de Sacks e o filme dirigido por Kohlberg, tais como a estrutura narrativa e a impressão da realidade. O filme, antes de estar na tela, era um roteiro<sup>6</sup>, o que faz pensar a questão sobre como teria acontecido esse processo de “tradução” e de construção da personagem da musicoterapeuta Dianne Daley<sup>7</sup>. A concepção da música fazia Greg, o protagonista, tranquilizar-se, em uma operação ativa, criadora, arrancando-o de sua territorialidade. Os traços ensaísticos na construção da narrativa fílmica passam pela visão do processo de tradução, como reescrita, como ato de (re) leitura e (re) criação de um conhecimento apreendido. Isso tem caráter epistemológico na medida em que trata-se de um interrogar e apreender, mas que garante a individualidade dos diferentes textos e ou obras.

Deleuze<sup>8</sup> mostrou aquilo que o cinema tem de diferente em relação às outras artes. Para ele, a arte cinematográfica não pode ser analisada apenas por questões técnicas, de gênero ou a partir daquilo que o cinema pode representar da realidade, e sim a respeito do que essa arte pode fazer de modo próprio e exclusivo. Talvez tão exclusivo quanto seja o espectro em que se desenvolve a musicoterapia.

## O ENSAIO

O texto ensaístico contido em “O último hippie” descreve um rapaz que, após múltiplas lesões cerebrais, perde a capacidade de guardar memórias, além de perder a noção do que significa “ver”, por isto não se admite como cego. Restaram-lhe as lembranças do período anterior à doença, especialmente as da década de 1960, quando ele se entregava ao rock, como forma de protesto e à doutrina hippie. Já o enredo do filme tem como temática a história constante do ensaio, porém, demarcada pelos elementos da linguagem do cinema. Com as importantes pistas de Deleuze, assistir ao filme vai além das breves impressões do roteiro; ao contrário, o filme em questão é capaz de trazer nos “blocos de sensações” (afectos e perceptos), ou seja, trazer aquilo que perdura tal como a dor, a tristeza, a leveza que ocorreram em função de lembranças apresentadas, por exemplo, na relação dos pais com o filho.

O diretor traz a experiência vivida pelos envolvidos no caso clínico de Sacks,

6 Roteiro escrito por Gwyn Lurie e Gary Marks.

7 Papel da atriz Julia Ormond.

8 Gilles Deleuze, filósofo francês contemporâneo que escreveu sobre arte, cinema, música.

mas o faz tornando-a obra de arte. O filme apresenta singularmente as sensações atravessadas por elementos que mobilizam memórias que são revividas. Após um longo período de experiências, com a música proposta por Dianne, e com os pais, Gabriel consegue resgatar lembranças. Em uma consulta ao neurologista, Dr. Biscow (Scott Adsit), os pais<sup>9</sup> discutiam com Dianne se era conveniente Gabriel ir, com o pai, ao show de *Grateful Dead*. Ela ainda afirma que “o ambiente em que ele acorda todos os dias é mais estranho que a música de ‘*Grateful Dead*”.

Talvez seja possível afirmar que o ensaio de Sacks, ao ser tomado como um presente no filme de Kohlberg, revela uma possível passagem entre a memória do passado e a do presente, permitindo ver na musicoterapeuta, e nas suas qualidades expressivas, o que vai além do escrito sobre o que a música é e contribui para o personagem Greg.

No trecho da obra de Sacks (1995, p. 36), está descrito como ocorreu o processo:

Soube, pelo assistente social do hospital, que ele era apaixonado por música, especialmente as bandas de rock-and-roll dos anos 60; vi pilhas de discos assim que entrei em seu quarto e uma guitarra encostada na cama. Fiz perguntas sobre o assunto e deu-se uma completa transformação – ele perdeu sua desconexão, a indiferença, e falou com grande animação sobre suas bandas de rock e músicas prediletas — sobretudo do *Grateful Dead*. — Fui vê-los no *Fillmore East* e no *Central Park*, disse. Lembrava-se em detalhes do programa inteiro, mas — minha predileta, acrescentou, — é Tobacco Road —. O título me evocou a melodia e Greg cantou a canção inteira com muito sentimento e convicção — uma profundidade de sentimento da qual, até então, não dera o menor sinal. Parecia transformado, uma pessoa diferente, inteira, enquanto cantava.

Os detalhes acima também são encontrados no filme, e assim também outros pontos importantes da história, como no caso da Dra. Dianne, personagem da musicoterapeuta, a qual inicia sua participação na trama mencionando resultados clínicos, em casos de tumores cerebrais, obtidos a partir da música. Ela vai buscar pontos de referência para que Gabriel Sawyer<sup>10</sup> possa voltar para casa, se comunicar e esses o façam reavivar suas lembranças com a música. A música enquanto referência que permeia toda a trama, em uma mescla da identidade do personagem central com as bandas de *rock and roll* dos anos 60. O tempo não era o tempo de Gabriel, mas o das músicas e de seus intérpretes<sup>11</sup>.

O cinema é uma forma de arte que pode questionar sobre pensar as imagens artísticas, observando-se as convergências entre linguagem, cultura e memória a

9 Henry Sawyer (J. K. Simmons) e Helen Sawyer (Cara Seymour)

10 Ator: Lou Taylor Pucci.

11 *All You Need Is Love*, *Mr. Tambourine Man*, *For What It's Worth* e *Uncle Joe's band*. A trilha sonora completa do filme “A música nunca parou” (*The Music Never Stopped*, EUA, 2011) encontra-se disponível em: <[http://www.epipoca.com.br/filmes/trilha\\_sonora/25584/a-musica-nunca-parou](http://www.epipoca.com.br/filmes/trilha_sonora/25584/a-musica-nunca-parou)>. Acesso em: 13 out. 2019.



partir de uma visão deleuziana. O estudo comparado entre duas formas de expressão, tais como o ensaio e a obra fílmica, está na base da problematização relativa para a construção da personagem ficcional da musicoterapeuta no longa *A música nunca parou*. A contribuição do pensamento do filósofo francês Gilles Deleuze sobre cinema, em especial o conceito de imagem-tempo, pode “fazer visível” na análise da obra fílmica como é apresentada a personagem musicoterapeuta.

## A LITERATURA COMPARADA/DELEUZE E O CINEMA

A Literatura Comparada trabalha com interfaces de diferentes discursos em diferentes campos de conhecimento. Pode ser compreendida como um método para os estudos interdisciplinares, interliterários, interdiscursivos, na compreensão das motivações sociais, culturais, históricas, entre outras, intermediadas por esses estudos. Sobre a pesquisa comparatista, Tania Carvalhal (2003, p. 7) afirma: “articulando-se com várias teorias, tem fornecido instrumental teórico e metodológico para as análises de questões interliterárias, interdiscursivas e interdisciplinares em diversos campos de investigação literária e cultural”.

Em outro texto da mesma autora, “o comparatismo foi adquirindo uma configuração mais ampla, além daquela que a especificou desde sempre, ou seja, a de problematizar a dimensão estrangeira de um texto, de uma literatura, de uma cultura em outra” (CARVALHAL, 2005, p. 179). Essa área de estudos vem superando a simples busca de semelhanças e diferenças, além de indagar, por exemplo, as relações entre o literário e a cultura, estabelecer o diálogo entre diferentes formas de textos literários e não literários, compreender a constituição identitária dos textos.

Isso parece se relacionar com a visão de Deleuze<sup>12</sup> que concebia a vida como acontecimento que se produz como um devir, um fazer-se, e como tal não são previsíveis como as de uma lógica, onde tudo já está definido.

## ALGUNS ASPECTOS DA MUSICOTERAPIA

Pode-se afirmar que a “musicoterapia” foi descoberta pelos nossos ancestrais mais ou menos na época em que foi descoberto o fogo. O som produzido quando uma pedra era batida na outra tinha efeito calmante.

O espectro em que se desenvolve a Musicoterapia revela a complexa relação com o som-ser e o humano-som, tratando da comunicação entre eles. Chagas e Rosa (2008) afirmam que a Musicoterapia é o encontro entre saberes ligados à arte e à ciência, um campo novo, sistematizado após a Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>12</sup> Sobre cinema e literatura, escreveu: “A imagem-movimento: cinema 1”, e o “A imagem-tempo: cinema 2”, escreveu sobre Proust, “Proust e os signos”, e com Guattari escreveu sobre Kafka, “Kafka por uma literatura menor”, entre outros de Filosofia.

Os autores referem-se ao campo da Música como contribuintes do domínio da Musicoterapia, por uma gama de domínios ali desenvolvidos, como Musicologia, Estética, Morfologia, Educação Musical, Música Popular. De modo complementar, a pesquisa científica contribui a partir de seus distintos enfoques terapêuticos, desenvolvidos nos campos da Medicina, Psicologia, Neurologia, dentre outros.

Para Bruscia (1991, p. 5), a musicoterapia “é um processo interpessoal no qual o terapeuta utiliza a música e todas as suas facetas – física, emocional, mental, social, estética e espiritual – para ajudar o cliente a melhorar, recuperar ou manter a saúde”. Gaston (1968) apresenta os três momentos do desenvolvimento da musicoterapia: 1) o poder da música; 2) a relação terapêutica; e 3) a busca do equilíbrio entre o poder da música e a relação terapêutica.

No Brasil, Barcellos (2015), uma das pesquisadoras mais atuantes quando o assunto é a interface entre musicoterapia e medicina, menciona a importância de compreender que música e medicina, musicoterapia e medicina têm implicações terapêuticas diferenciadas. Em uma publicação de 1984, a autora defende que, na medicina, o fazer musicoterapêutico é ativo e impera a interação entre terapeuta e paciente, “no processo de fazer música”. Fato presente nas várias cenas do filme ora tratado. De acordo com a *Austrian Association of Professional Music Therapists*, a musicoterapia:

É um método de tratamento prescrito por médicos que é realizado por pessoas com treinamento apropriado. Ela é um método terapêutico com especificidade diagnóstica que tenta influenciar eficientemente o processo físico através de estímulos acústicos e musicais. É baseado na experiência e no conhecimento dos efeitos da música sobre as emoções da pessoa física ou mentalmente doentes (APOSTILA DA ASSOCIAÇÃO, 1986; MARANTO, 1993, p. 64 *apud* BRUSCIA, 2000, p. 274).

## **PENSANDO ASPECTOS CONCEITUAIS DO GÊNERO LITERÁRIO ENSAIO/ENSAIOS DE OLIVER W. SACKS**

Segundo o professor Dr. Jayme Paviani, o ensaio é um gênero textual que surgiu no século XVI, com Michel de Montaigne e Francis Bacon, e tem características próprias. Para Paviani, as características do ensaio são várias, mas merecem ser destacadas as seguintes: “um *estudo*, uma investigação, uma reflexão, etc.”, que tem o “caráter de provisoriamente, de algo que não possui a pretensão de acabamento”; “um estudo “formalmente desenvolvido”, dentro de padrões mais ou menos formais”. Ainda que se aproxime do literário, é um texto “formalmente apresentado a partir de determinados padrões”; como texto, “pode ser de natureza literária, científica e filosófica”, pois pode transitar em diferentes áreas; faz a “exposição do assunto ser

lógica, mesmo quando adota o estilo livre, [...] expõe a matéria com racionalidade, mesmo quando utiliza a linguagem poética”; tem “o *rigor* de argumentação, de demonstração”; “sem ser subjetivo, o ensaio não abole o espaço da subjetividade como pretende fazer o tratado ou o artigo científico”; pressupõe-se que haja maior liberdade de expressão, para poder “defender uma posição sem o apoio empírico, documentos ou outros recursos metodológicos”. Finalmente, o ensaio requer “que o autor tenha informação cultural e maturidade intelectual”. Nesse sentido, “é um gênero difícil de elaborar, pois a liberdade de estilo, de ritmo, de expressão exige sutileza e equilíbrio”. Assim como Paviani, Theodor Adorno propõe uma importante discussão sobre o gênero ensaio.

É inerente à forma do ensaio a sua própria relativização: ele precisa compor-se de tal modo como se, a todo momento, pudesse interromper-se. Ele pensa aos solavancos e aos pedaços, assim como a realidade é descontínua, encontra sua unidade através de rupturas, e não à medida que as escamoteia. A unanimidade da ordem lógica engana quanto à essência antagônica daquilo que ela recobre. A descontinuidade é essencial ao ensaio, seu assunto é sempre um conflito suspenso. (ADORNO, 1994, p. 180)

Sacks, autor de vários ensaios, escreve no prefácio de seu livro “O homem que confundiu sua mulher com um chapéu: e outras histórias clínicas”, escreve:

[...] talvez eu seja igualmente, ainda que não de forma adequada, um teórico e um dramaturgo, atraído no mesmo grau pelo científico e pelo romântico, vendo sempre ambos na condição humana e, sobretudo, na quintessência da condição humana, a doença – os animais contraem enfermidades, mas só o homem mergulha radicalmente na doença.

Meu trabalho, minha vida está voltada totalmente para os doentes – mas os doentes e suas doenças conduzem-me a reflexões que, de outro modo, talvez não me ocorressem. Tanto assim que me vejo compelido a indagar, como Nietzsche: “Quanto à doença: não somos quase tentados a perguntar se conseguiríamos passar sem ela”? E a ver as questões que ela suscita como sendo de uma natureza fundamental (SACKS, 1984, p. 8).

Nesse trecho, o médico escreve com sensibilidade, conhecimento científico e filosófico, apurados. O sentimento traduz um olhar diferenciado para o sujeito doente, e não para a doença, o que despertou leitores tanto na academia como fora dela;

Na obra de Sacks, é nítido o fascínio que ele nutria pelos estudos e a descrição de como acontece e opera a percepção humana a partir dos inúmeros casos neurológicos, da habilidade humana de adaptação e acomodação, mostrando que o gênero literário carrega responsabilidade de grande importância quando

informa e proporciona um vir a ser, uma linha de esperança no sujeito-personagem mais do que na doença-vilão.

“O último Hippie”<sup>13</sup> é a dramática história de Greg F., paciente do Dr Sacks, vítima de um tumor que produz múltiplas lesões no cérebro, desde cegueira à perda da capacidade de reter memórias. A música, a atuação da musicoterapeuta, aponta para o caminho encontrado pelo pai para resgatar a comunicação, o tempo perdido e o contato com o rapaz depois de duas décadas desaparecido, uma vez que isso somente ocorre quando ele ouve a música de bandas daquela época. Preso em seu mundo de escuridão e fugazes emoções, o último hippie (Greg F.) criou fórmulas próprias de perceber o mundo e a própria realidade, lidando com elas com convincente alegria e tranquilidade.

A literatura, nesse caso, o gênero ensaio e o cinema consistem em dois campos de produção sónica distintos, na medida em que alguns textos literários suportam a sua tradução para a grande tela e outros, não oferecendo ao cinema material a ser transformado em signo/imagem. Quando o Dr. Sacks escreveu “O último Hippie” e tantos outros textos, não tinha em mente outro signo que não as palavras e a capacidade que elas detêm de conduzir o leitor para a imensidão de sua imaginação. A complexidade do universo cinematográfico busca um roteiro, o faz consciente de que há e haverá uma transmutação das histórias dos personagens num contexto fílmico, cultural e mnemônico. Bazin (1991), o renomado e influente crítico e teórico de cinema, acredita que as afinidades entre o cinema e a literatura ocorrem pela convergência estética existente entre esses meios de expressão.

## O PERSONAGEM FICCIONAL COM UM OLHAR DELEUZIANO

Gomes (1968), no texto “A personagem cinematográfica”, discute a abrangência e a corporificação dos personagens no romance, no teatro e no cinema. Entendendo que o cinema é uma simbiose entre teatro e romance, o autor absorve as teorias de Antonio Candido para definir a personagem de cinema. O filme é considerado um espaço para a literatura falada. Mantém uma distância entre a personagem do romance, do cinema e do teatro. Sendo o personagem no cinema cristalizado pela imagem do ator, que a interpreta limitando a liberdade de análise do espectador.

O ensaio de Sacks é uma obra literária, e como tal temos que pensar em um mundo imaginário, com personagens fictícios, a qual integra o leitor como parceiro lúdico do jogo imaginativo. Isso nos vale dizer que a personagem “musicoterapeuta” citada na obra literária toma o corpo que o leitor lhe concede, mas, quando transpassa, adapta-se para a imagem e adquire o status que o roteirista e a direção

13 *The last Hippie* compõe o livro “Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais”, de 1995, traduzido para o português por Bernardo Carvalho.

cênica lhe conferem: de um alguém – uma musicoterapeuta – em muitos alguéns do imaginário de quem lê ou vê.

A música e a literatura podem ser suportes privilegiados de memórias, pois permitem que as lacunas e os silêncios falem. Neste trabalho, a memória será pensada a partir da música, do ensaio e do filme para perceber suas nuances, o imaginário na constituição dos personagens na relação com a música, no “jogo” de lembranças e esquecimentos. A memória compreendida nas imagens constituídas, na realidade e na imaginação, compartilhadas entre as pessoas na sociedade.

Silva, apoiado em estudos de Walter Benjamin, afirma que, na polifonia dos discursos em obras de arte, incluindo a música, vêm à tona alegorias do tempo e da história para criar a ilusão do real. “Na obra de arte, as manifestações do passado aparecem como testemunhos e incorporam diálogos implícitos, citações, evocações, estilizações, alusões bem como o cruzamento de experiências estéticas materializadas em uma polifonia de discursos que retêm o tempo e a história” (SILVA, 2013, p. 25-26).

Para ele, a arte pensa e cria a si mesma, não precisa de interpretação nem de reflexão. Ela é composição, é criação de sensações e deixa de lado a representação. Arte e filosofia são processos de criação. No caso da filosofia, a criação de conceitos e, no caso da arte, por exemplo, na música, os blocos de som-ritmo, no cinema, a criação de blocos de movimento-duração. O cinema, a filosofia, e a ciência são modos de pensamento, como já apontado no início do texto. Enquanto “a obra de arte é um ser de sensações, e nada mais: ela existe em si” (DELEUZE; GUATTARI, 1994, p. 213). As sensações não se confundem com percepções e sentimentos ou afecções.

O objetivo da arte, com os meios do material, é arrancar o percepto das percepções do objeto e dos estados de um sujeito percipiente, arrancar o afecto das afecções, como passagem de um estado a outro. Extrair um bloco de sensações, um puro ser de sensações. Para isso, é preciso método que varie com cada autor e que faça parte da obra: basta comparar Proust e Pessoa, nos quais a pesquisa da sensação, como ser, inventa procedimentos diferentes (DELEUZE; GUATTARI, 1994, p. 217).

O bloco de sensações criado pelo cinema é visual e sonoro, mas também composto de blocos de movimento-duração relacionados ao espaço-tempo, os quais evidenciam blocos de movimentos/duração limitados ao espaço-tempo, que evidenciam o pensamento, independentemente de quem os criou ou do espectador. Afastando-se das teorias externas ao cinema, tais como a semiologia, a psicanálise, entre outras, Deleuze privilegia as relações entre movimento, tempo e pensamento, pois o cinema tem signos irredutíveis aos signos linguísticos.

Em “Diferença e repetição”, Deleuze deixa clara, no capítulo “A imagem



do pensamento” (DELEUZE, 2009, p. 189-240), a necessidade da “destruição da imagem de um pensamento que se pressupõe a si próprio, gênese do acto de pensar no próprio pensamento”. Para ele, houve um equívoco da representação ao ser confundido o conceito de “outro” com outro simplesmente conceitual, inscrevendo o outro no conceito. Ao pensar a diferença em si, na busca de um tempo presente marcado pela possibilidade de se deslocar, a literatura bem como o cinema são lugares privilegiados para a diferença e a repetição acontecerem.

A partir do movimento e do tempo da imagem, o cinema produz realidade, a qual promove uma desterritorialização, pois exige um deslocamento do olhar. Há um rompimento com as imagens orgânicas daquele cinema que trabalha com as imagens-clichê, com o ortodoxo, com o moral, o racional. “O espaço do pensamento sem imagem é o espaço da diferença; o da imagem do pensamento é o da representação” (MACHADO, 2006, p. 37).

Em uma obra fílmica, tal como na memória, o que se vê já deixou de existir. Esse modo de ver o filme está relacionado à sua fruição, enquanto imagem fragmentada da duração e enquanto possibilidade de ativar uma ilusória lembrança ou atualização. Assim, o cinema pode armazenar a memória em movimento.

Para Deleuze, as formas de pensamento são o enfrentamento do caos — pois a filosofia cria conceitos, a ciência cria prospectos e a arte cria *perfectos* e *affectos*. Vale lembrar que os conceitos não devem ser confundidos com ideias abstratas, assim como os prospectos não se confundem com juízos e os *perceptos* e *affectos* não devem ser confundidos com sentimentos e percepções. A criação de conceitos, no caso da arte, por exemplo, na música, se tem os blocos de som-ritmo, e no cinema, a criação de blocos de movimento-duração.

No filme, tal como na memória, o que se vê já deixou de existir. Esse modo de ver o filme está relacionado à sua fruição, enquanto imagem fragmentada da duração e enquanto possibilidade de ativar uma ilusória lembrança ou atualização. Assim, o cinema pode armazenar a memória em movimento.

O bloco de sensações criado pelo cinema é visual e sonoro, mas também composto de blocos de movimento-duração relacionados ao espaço-tempo, os quais evidenciam blocos de movimentos/duração limitados ao espaço-tempo, que, por sua vez, evidenciam o pensamento, independentemente de quem os criou ou do espectador. Privilegiam-se relações entre movimento, tempo e pensamento, pois o cinema tem signos irreduzíveis aos signos linguísticos. Assim, o cinema pode criar pensamento, expressando-se por imagens móveis, ou seja, é a ideia criada. Esta é imanente ao próprio cinema.

O filme *A música nunca parou* (2011) chamou a atenção por trazer uma história particular, uma situação ficcional e torná-la, assim como Sacks já havia feito em seu ensaio, uma obra de arte. Ao assistir o filme, tem-se a percepção, tal como

afirmam Deleuze e Guattari, do que se conservou. Percebem-se a dor, o amor, a saudade, pois o filme, enquanto obra, traz “um bloco de sensações, um composto de perceptos e afectos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 213). Fazer um filme, pintar, esculpir, dentre outros, é conservar.

O que se conserva, de direito, não é o material, que constituiu somente a condição de fato; mas, enquanto é preenchida esta condição (enquanto a tela, a cor ou a pedra não virar pó), o que se conserva em si é o *percepto* ou o *afecto*. [...] Enquanto dura o material, é de uma eternidade que a sensação desfruta nesses mesmos momentos (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 216-217).

O que perdura, enquanto bloco de sensações da tristeza, da dor, da saudade, das perdas, está ligado à lembrança que se constitui no filme, na música, nas obras, fazendo as sensações retornarem. É um arrancar o *percepto* das percepções do objeto, é arrancar o *afecto*.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, T. O ensaio como forma. In: COHN, G. (Org.). *Theodor W. Adorno: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994. p. 167-187.

A MÚSICA nunca parou. Direção: Jim Kohlberg. Adaptação de: The Last Hippie. Roteiro: Gwyn Lurie, Gary Marks, Oliver W. Sacks. Elenco: Alexander Johnson, Cara Seymour, J.K. Simmons, James Urbaniak, Jesse Roche, Josh Segarra, Julia Ormond, Lou Taylor Pucci, Max Antisell, Peggy Gormley, Ryan Karels, EUA: Essential Pictures, 2011. 1 DVD (105 min), widescreen, color.

ARAÚJO, N. S. Cinema e literatura: adaptação ou hipertextualização? *Littera Online*, São Luís, v. 2, n. 3, p. 6-23, 2011. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/449/272>. Acesso em: 22 set. 2018.

AUGUSTO, M. de F. *A montagem cinematográfica e a lógica das imagens*. São Paulo: Annablume, 2004.

BAHIANA, A. M. *Como ver um filme*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BARCELLOS, L. R. M. Qu'est-ce que la Musique en Musicothérapie. *La Revue de Musicothérapie*, Paris, v. 4, n. 4, 1984.

BARCELLOS, L. R. M. Musicoterapia em medicina: uma tecnologia leve na promoção da saúde – a dança nas poltronas! *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 33-47, 2015.

BAZIN, A. *O cinema: ensaios*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

- BRASIL. Projeto de Lei da Câmara n. 25, de 2005. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da profissão de Musicoterapeuta. *Diário do Senado Federal*, Brasília, 7 abril 2005. Disponível em: [legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?t=38979](http://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?t=38979). Acesso em: 28 set. 2018.
- BRUSCIA, K. E. *Definindo musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CARVALHAL, T. M. F. Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Niterói, v. 1, p. 9-21, 2 mar. 1991.
- CARVALHAL, T. F. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2003. p. 7-35.
- CARVALHAL, T. F. Encontros na travessia. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, v. 7, n. 7, p. 169-182, 2005. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/108/109>. Acesso em: 20 set. 2018.
- CARVALHAL, T. F. *Literatura comparada*. 4. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- CHAGAS, M.; PEDRO, R. *Musicoterapia: desafios entre a modernidade e contemporaneidade – como sofrem os híbridos e como se divertem*. Rio de Janeiro: Mauad X: Bapero, 2008.
- CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- COSTA, A. *Compreendendo o cinema*. 2. ed. São Paulo: Globo, 1989.
- DELEUZE, G. *A imagem-movimento: cinema 1*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DELEUZE, G. *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G. *Proust e os signos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- DELEUZE, G. A imagem do pensamento. In: DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 2009. p. 189-240.
- DELEUZE, G. *A imagem-tempo: cinema 2*. São Paulo: Brasiliense, 2013.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonzo Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DYLAN, B. *Mr. Tambourine Man*. New York: Columbia Recording Studios, 1965. 1 disco sonoro.
- EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ENTRANDO pela história da Musicoterapia. 12 ago. 2013. Disponível em: <https://musicalimentefalando.wordpress.com/2013/08/12/entrando-pela-historia-da-musicoterapia/>. Acesso em: 13 out. 2019.

- GASTON, T. *Tratado de musicoterapia*. Buenos Aires: Paidós, 1968.
- GINZBURG, C.; CAROTTI, F. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GOMES, P. E. S. A personagem cinematográfica. In: CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1968. p. 103-119.
- GONÇALVES FILHO, A. Oliver Sacks e a música que salva. *O Estadão de S. Paulo*, 26 setembro 2007. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,oliver-sacks-e-a-musica-que-salva,56952>. Acesso em: 13 out. 2019.
- GRATEFUL DEAD. *Uncle John's Band*. San Francisco, California: Pacific High Recording Studio, 1970. 1 disco sonoro.
- HUTCHEON, L. *Uma teoria da adaptação*. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.
- MACHADO, R. *Deleuze e a filosofia*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- MACHADO, R. *Nietzsche e a verdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- MACHADO, R. Uma geografia da diferença. *Cult*, São Paulo, v. 1, n. 108, p. 35-41, 2006.
- MONTEBELLO, P. Deleuze et Boulez. *Limiar*, v. 2, n. 4, p. 9-21, 2015. Disponível em: [https://www.academia.edu/22529790/Deleuze\\_et\\_Boulez](https://www.academia.edu/22529790/Deleuze_et_Boulez). Acesso em: 22 set. 2019.
- MOREIRA, S. V. et al. Neuromusicoterapia no Brasil: aspectos terapêuticos na reabilitação neurológica. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, v. 14, n. 12, p. 18-26, 2012. Disponível em: <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/10/NEUROMUSICOTERAPIA-NO-BRASIL-ASPECTOS-TERAP%C3%8AUTICOS-NA-REABILITA%C3%87%C3%83O-NEUROL%C3%93GICA.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2018.
- NITRINI, S. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.
- PAVIANI, J. O ensaio como gênero textual. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 5., 2009, Caxias do Sul, RS. *Anais eletrônicos* [...]. Caxias do Sul, RS, 2009. Disponível em: [https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/65/o\\_ensaio\\_como\\_genero\\_textual.pdf](https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/65/o_ensaio_como_genero_textual.pdf). Acesso em: 28 ago. 2018.
- PENAFRIA, M. Análise de filmes: conceitos e metodologia(s). In: CONGRESSO SOPCOM, 6., 2009, Portugal. *Anais eletrônicos...*, Portugal, abril de 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2018.
- SACKS, O. W. *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu e outras histórias clínicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1984.
- SACKS, O. W. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SACKS, O. W. *Sempre em movimento: uma vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, A. D. da. Tessituras do tempo e a arte da memória. *Revista Travessias*, Cascavel, v. 7, n. 2, p. 24-38, 2013. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/9264/6852>. Acesso em: 28 ago. 2018.

TESHEINER, E.M. Arteterapia, Musica e Terapia com Florais de Bach. *Arteemusicoterapia*. 20 janeiro 2016. Disponível em: <http://arteemusicoterapia.blogspot.com/2016/01/musicoterapia-por-elisabeth-martha.html>. Acesso em 13 out.2019.

THE BEATLES. *All you need is love*. London: Olympic Studios; Abbey Road Studios, 1967. 1 disco sonoro.

YATES, F. A. *A arte da memória*. Campinas: UNICAMP, 2007.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Artes 2, 6, 43, 158, 160, 213, 223, 225

### C

Cinema 43, 44, 49, 52, 62, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 211, 212, 213, 214, 215, 218, 219, 220, 221, 222

Conto 24, 25, 28, 31, 32, 35, 36, 37, 38, 55, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

Coral 31, 130, 131, 160, 176, 201, 205, 206

### D

Discurso 9, 20, 40, 44, 47, 54, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 87, 88, 90, 95, 99, 105, 106, 107, 108, 129, 135, 136, 140, 157, 161, 207

### E

Empoderamento 14, 15, 26, 27

Estado novo 129

Etnografia 8, 111, 113, 121

### I

Identidade 1, 10, 13, 18, 24, 25, 50, 51, 53, 55, 56, 57, 77, 84, 90, 105, 106, 214, 228, 233, 238

Imigração 50, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61

### K

KPOP 233

### L

Letras 2, 49, 50, 75, 76, 91, 100, 120, 121, 132, 135, 141, 158, 208, 223, 224, 226, 228, 233, 238

Linguística 2, 9, 79, 88, 158, 183, 192, 210, 235, 238

Literatura 1, 2, 5, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 24, 26, 27, 28, 29, 39, 40, 42, 43, 44, 49, 50, 53, 63, 67, 68, 75, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 101, 102, 109, 110, 112, 113, 114, 176, 211, 212, 215, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 227, 231, 238

### M

Mito 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110

Modelo Bennett 233, 235, 236

Mulheres 14, 15, 17, 18, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 35, 38, 39, 93, 103, 126, 136, 137, 225, 227, 229, 230, 231

Música 9, 37, 42, 43, 46, 49, 130, 131, 133, 135, 140, 141, 142, 143, 146, 147, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 174, 175, 176, 180, 182, 201, 202, 203, 205, 206, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 223, 225, 226, 227, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236

Musicoterapia 211, 212, 213, 215, 216, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 230, 231, 232

## **N**

Neurociência 185

## **P**

Perspectivas 2, 26, 43, 70, 160

Piano 160, 161, 162, 164, 166, 170, 171, 173, 175

Poesia 1, 7, 9, 10, 11, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 83, 87, 89, 90, 103, 109, 110, 114, 115, 117, 121

Poéticas 1, 13, 77, 80, 86

## **R**

Romances 14, 59, 92, 95, 99

## **S**

Saberes científicos 2

Sala de aula 40, 41, 44, 49, 208

Samba 4, 5, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 149, 150, 151, 152

Semiótica 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 92, 102

## **T**

Teoria da inteligência multifocal 176, 178, 180, 192, 193, 200, 205, 206

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 



# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E AS NOVAS PERSPECTIVAS DOS SABERES CIENTÍFICOS 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Atena  
Editora

Ano 2020